

ENTRE A FÉ E O MEDO: A FORMAÇÃO DO DISCURSO ANTICOMUNISTA NA IMPRENSA DA IGREJA PRESBITERIANA FUNDAMENTALISTA DO BRASIL (1957-1983)

BETWEEN FAITH AND FEAR: THE FORMATION OF ANTI-COMMUNIST DISCOURSE IN THE PRESS OF THE FUNDAMENTALIST PRESBYTERIAN CHURCH OF BRAZIL (1957-1983)

ENTRE LA FE Y EL MIEDO: LA FORMACIÓN DEL DISCURSO ANTICOMUNISTA EN LA PRENSA DE LA IGLESIA PRESBITERIANA FUNDAMENTALISTA DE BRASIL (1957-1983)

Carlos André Silva de Moura

● Professor Associado / Livre-docente do Departamento de História da Universidade de Pernambuco. Pós-doutor e doutor em História na Universidade Estadual de Campinas. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Saymmon Ferreira dos Santos

● Doutorando em História na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Mestre em História na UFRPE e Graduado em História na Universidade Federal de Pernambuco.

RESUMO

Durante a segunda metade do século XX no Brasil, o uso da imprensa por grupos religiosos se intensificou para a propagação do discurso político conservador. A partir de 1957, sob os rótulos de “Credo Vermelho”, “Inimigos do Regime” e “Sistema Tirânico”, os leitores do jornal A Defesa, periódico da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil e fundado pelo Rev. Israel Furtado Gueiros, eram instigados a manter vigilância contra o avanço comunista. Nesse contexto, as propostas políticas da esquerda eram representadas como ameaça à liberdade religiosa e aos valores cristãos no país. Para legitimar o discurso, os redatores faziam a comparação com o capitalismo, visto como um modelo econômico avançado, enquanto o socialismo era retratado como o atraso e o subdesenvolvimento. A partir do periódico A Defesa e das contribuições da História Cultural, analisamos como os presbiterianos fundamentalistas construíram as suas identidades e a percepção do outro, inseridos em debates internacionais de fortalecimento das políticas autoritárias.

Palavras-chave: Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil; Imprensa; Anticomunismo.

ABSTRACT

During the second half of the 20th century in Brazil, the use of the press by religious groups got intensified to spread conservative political discourse. From 1957 onwards, under the labels of “Red Creed”, “Enemies of the Regime” and “Tyrannical System”, readers of the newspaper A Defesa, a periodical of the Fundamentalist Presbyterian Church of Brazil and founded by Rev. Israel Furtado Gueiros, were urged to remain vigilant against the communist advance. In this context, the political proposals of the left were represented as a threat to religious freedom and Christian values in the country. To legitimize the discourse, the editors made comparisons with capitalism, seen as an advanced economic model, while socialism was portrayed as backward and underdeveloped. Based on the periodical A Defesa and contributions from Cultural History, we analyze how fundamentalist Presbyterians constructed their identities and perceptions of others, inserted in international debates to strengthen authoritarian policies.

Keywords: Fundamentalist Presbyterian Church of Brazil; Press; Anti-communism.

RESUMEN

Durante la segunda mitad del siglo XX en Brasil, se intensificó el uso de la prensa por parte de grupos religiosos para difundir un discurso político conservador. A partir de 1957, bajo los lemas de “Credo Rojo”, “Enemigos del Régimen” y “Sistema Tiránico”, se instó a los lectores del periódico A Defesa, periódico de la Iglesia Presbiteriana Fundamentalista de Brasil fundado por el reverendo Israel Furtado Gueiros, a mantenerse alerta ante el avance comunista. En este contexto, las propuestas políticas de la izquierda se presentaron como una amenaza a la libertad religiosa y los valores cristianos en el país. Para legitimar el discurso, los editores lo compararon con el capitalismo, visto como un modelo económico avanzado, mientras que el socialismo se presentó como atrasado y subdesarrollado. Con base en la revista A Defesa y las contribuciones de la Historia Cultural, analizamos cómo los presbiterianos fundamentalistas construyeron sus identidades y percepciones de los demás, insertándose en debates internacionales para fortalecer políticas autoritarias.

Palabras clave: Iglesia Presbiteriana Fundamentalista de Brasil; Prensa; Anticomunismo.

INTRODUÇÃO

A agenda anticomunista dos presbiterianos fundamentalistas se fez presente nos sermões dos religiosos, em programas radiofônicos e, principalmente, por meio do periódico *A Defesa*. A primeira edição do jornal, publicada em 20 de janeiro de 1957, foi direcionada aos membros das igrejas evangélicas que se alinhavam com a causa fundamentalista. Em suas primeiras páginas, destacou-se que o objetivo do periódico era o “combate à heresia, por meio da persistente pregação e defesa da fé, uma vez dada aos santos, em obediência à Palavra que ensina: ‘Lutai pela santíssima fé’” (*A Defesa*, 20 jan. 1957, p. 1).

Para os líderes fundamentalistas, o periódico foi idealizado em um contexto de ameaças aos “arraiais de Deus”, sendo uma estratégia para defender a fé e afastar inimigos comunistas, ecumênicos e modernistas. Inspirado no exemplo do apóstolo Paulo, que “combateu o bom combate” para preservar sua fé, o jornal visava defender a “ortodoxia” do presbiterianismo no Brasil. O objetivo era orientar os fiéis, especialmente aqueles que, segundo os líderes, eram considerados menos instruídos, sobre os princípios da Reforma do século XX, em resposta às acusações de modernismo teológico entre os protestantes. Sendo assim, os discursos refletiam a visão de mundo de líderes e leigos da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil (IPFB), ao mesmo tempo em que respondiam a demandas sociais, políticas, culturais e econômicas.

As reportagens, que frequentemente apresentavam dados estatísticos e depoimentos de líderes religiosos sobre as condições socioeconômicas dos países socialistas, tinham como objetivo principal construir um efeito de verdade junto à membresia evangélica, com destaque a um ambiente político autoritário que, na visão dos fundamentalistas, ameaçava a atuação das missões protestantes. Nesse contexto, a noção de “verdade” pode ser compreendida à luz da reflexão de Michel Foucault, para quem não é apenas o “conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou fazer aceitar”, mas regras que definem o que é verdadeiro e falso, conferindo ao verdadeiro efeitos específicos de poder (Foucault, 1979, p. 13).

A circulação do periódico *A Defesa* foi um movimento decisivo para a construção de um processo de coesão doutrinária e integração eclesial, especialmente entre os membros que se tornaram fundamentalistas. Não é um exagero afirmar que a imprensa criada pelo Rev. Israel Gueiros¹ (1907-1996), enquanto formadora de opinião, foi o principal instrumento para a construção de uma mentalidade protestante conservadora no Brasil.

Os periódicos nos permitem acessar os mecanismos pelos quais as ideias e valores anticomunistas circularam socialmente, além de mostrar como foram reproduzidos, reinterpretados e disseminados pelos dirigentes e outros atores do movimento fundamentalista em níveis nacional e internacional. Como bem observou Pablo Porfírio, nos meados do século XX “os jornais eram um dos principais meios para a difusão de uma narrativa do perigo, que objetivava, sobretudo, mobilizar essa classe média leitora da imprensa a se opor às mobilizações dos trabalhadores que representariam o avanço do comunismo” (Porfírio, 2009, p. 122).

De acordo com a definição proposta por Carla Rodeghero, o anticomunismo pode ser compreendido como um conjunto de ideias, representações e práticas que se opõem de forma sistemática ao comunismo (Rodeghero, 1998, p. 22). Partindo da noção de representação proposta por Roger Chartier (Chartier, 2002), o nosso objetivo é compreender como os líderes e leigos do Movimento Presbiteriano Fundamentalista interpretaram o comunismo e se apropriaram da realidade social ao seu redor.

Ao utilizar o conceito de representação, entendemos que as fontes utilizadas nas pesquisas históricas não são reflexos da realidade, mas construções que deformam, modificam e filtram os personagens e eventos do passado. É essencial lembrar que os periódicos desempenham um papel ativo na criação de concepções sobre a realidade social e na formação de visões de mundo.

Desse modo, a estrutura do discurso anticomunista foi construída por meio do uso de imagens, símbolos e adjetivações que tinham o objetivo de destacar os contrastes entre a figura do “cristão autêntico” e os “comunistas”, os quais eram retratados como inimigos de Deus. No entanto, é fundamental reconhecer que a construção e o estabelecimento

¹ O Rev. Israel Furtado Gueiros foi o fundador da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil em 1956. Principal figura do movimento no país, o eclesiástico — filho do Rev. Antônio de Carvalho Silva Gueiros e de Maria de Nazareth Duarte Furtado Gueiros — nasceu em Garanhuns, no ano de 1907. Ingressou no Seminário Presbiteriano do Norte em 1929, mesmo sem possuir diploma do curso ginasial. Iniciou seu ministério pastoral em pequenas igrejas do interior, nas cidades de Gameleira e Jatobá. Em novembro de 1931, recebeu o convite para pastorear a Igreja Presbiteriana do Recife, permanecendo como líder da congregação por mais de 45 anos.

das representações não ocorrem de maneira pacífica ou consensual. Como salientou Karina Bellotti, “cada grupo ou indivíduo se compreende de uma determinada forma, e a legitimação de uma identidade passa pela desqualificação de outras” (Bellotti, 2004).

Para investigarmos a formação do imaginário anticomunista nos grupos protestantes de tendência conservadora é importante reconhecer que os documentos que utilizamos não são capazes de recuperar o passado de forma plena. A leitura de Carlo Ginzburg nos ajuda a compreender as fontes não como janelas abertas ou muros impenetráveis, mas como “espelhos deformantes” ou construções que, embora não sejam infundadas, não se alinham perfeitamente com a realidade, sendo essenciais para a investigação, “sem o qual não há pesquisa” (Ginzburg, 2002, p. 44-45).

Nessa discussão, também nos aproximamos das propostas de Walter Benjamin, que nos ajudaram a reconhecer a impossibilidade de o historiador acessar o passado tal como ele foi. Para o autor, “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (Benjamin, 1994, p. 224). É nesse sentido que Antônio Torres Montenegro destacou que, nos trabalhos dos historiadores, não há uma verdade a ser alcançada, mas um processo de construção/desconstrução de sentidos e significados (Montenegro, 2012, p. 30).

Durante a pesquisa, tivemos acesso a um conjunto de edições do jornal *A Defesa*, arquivadas na Igreja Presbiteriana do Recife, com a possibilidade de selecionar as informações necessários para o desenvolvimento das nossas inquietações de pesquisa. Até 1995 a instituição se constituiu no principal centro do presbiterianismo fundamentalista no Brasil, com a formação de um acervo de valor singular para a compreensão do movimento. Para esta pesquisa, concentramo-nos nas edições do periódico publicadas entre 1957 e 1964, além de 1976 e 1984.

Durante o artigo, analisamos como o comunismo foi pensado, interpretado e representado pelos agentes fundamentalistas a partir do seu principal periódico, com a observação de que maneira a rede discursiva anticomunista foi mobilizada na construção de uma identidade própria para o movimento. A proposta se organizou em contraste com outras organizações protestantes, frequentemente acusadas de adotar uma postura de tolerância diante do discurso comunista.

“LUTAI PELA SANTÍSSIMA FÉ”: O ANTICOMUNISMO NO DISCURSO PRESBITERIANO FUNDAMENTALISTA.

A Defesa foi o principal meio de comunicação utilizado pela Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil para alertar os cristãos sobre o que se via como o “perigo comunista”. Entre as décadas de 1950 e 1980, pastores, presbíteros e intelectuais se dedicaram à escrita de artigos, à transcrição de trechos de livros e discursos anticomunistas, os quais eram amplamente publicados no jornal. Grandes espaços eram reservados para relatar os “sofrimentos” dos cristãos que viviam sob regimes comunistas.

O veículo de comunicação oficial da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil também moldou a representação do “verdadeiro cristão”, que deveria se manter distante das influências do marxismo e do ecumenismo. Nesse sentido, o periódico não deve ser visto apenas como um meio de informação, mas também como um orientador das convenções comportamentais dos evangélicos, alertando-os sobre a ameaça de uma infiltração comunista entre os protestantes.

A agenda anticomunista do diretor de *A Defesa*, Rev. Israel Furtado Gueiros, tem suas origens no ato ocorrido durante a Intentona Comunista de 1935. Segundo o biógrafo de Gueiros, David Vieira, o incidente em que o pai de Israel Gueiros foi atingido por um projétil foi um marco importante para a formação de sua visão anticomunista. A família Gueiros acreditava que os disparos haviam sido feitos por militantes de esquerda, que estavam entrincheirados nas proximidades do Seminário Presbiteriano do Norte, onde Israel residia e trabalhava (Vieira, 2008, p. 484).

A ideia de associar o comunismo a forças demoníacas, formulada por Israel Gueiros, foi reforçada por suas viagens ao “Oriente”, onde, segundo o pastor, teria presenciado as “barbaridades cometidas” em nome da Revolução Comunista, que se apresentava como “humanitária” (Vieira, 2008, p. 484). O pastor denunciava Mao Tse-Tung (1893-1976) por dizimar mais de trinta milhões de chineses, considerados “burgueses”, e responsabilizava a Coreia do Norte pela morte de centenas de evangélicos sul-coreanos (Vieira, 2008, p. 484).

Foi nesse sentido que, em maio de 1958, o jornal fundamentalista publicou um editorial sobre as estratégias utilizadas pelos comunistas para alcançar o poder. O Almirante Boanerges Cunha, autor do texto e membro do Conselho da Igreja Presbiteriana do Recife na condição de presbítero, destacava que os líderes da esquerda, por meio de “slogans nacionalistas”, estavam inflamando os corações dos jovens brasileiros e tentando mobilizar o povo com a narrativa de que eram “oprimidos pelo jugo imperialista”.

Para os membros do jornal *A Defesa*, a emancipação econômica deveria ser uma meta compartilhada por todos os brasileiros, e não apenas pelos integrantes da esquerda. No entanto, essa transformação deveria ocorrer por meio da industrialização, saneamento da moeda, organização política e social, sempre sem comprometer o processo democrático. Com isso, foi proposta a seguinte orientação:

Não podemos ser envolvidos pela solerte propaganda do inimigo do regime, que acenando a bandeira de uma revolução econômica, de um nacionalismo xenófobo, outra coisa não deseja senão a implantação de uma ditadura moscovita, a qual já nos custou muito sangue e muitas lágrimas (A Defesa, 11 mai. 1958, p. 2 [grifo nosso]).

Boanerges Cunha atribuía aos comunistas a responsabilidade pelo avanço do desequilíbrio político e social, que gradualmente chegava à anarquia, por meio da técnica de atizar o espírito nacionalista em países considerados oprimidos pelo poder imperialista. Nesse contexto, argumentava-se que o programa comunista estava utilizando pastores e seminaristas para convencer os protestantes a renegarem o cristianismo em nome das correntes marxistas.

As representações do mal, frequentemente evocadas pela narrativa bíblica, foram transportadas para o campo político, transformando a luta contra o comunismo em uma missão cristã. Para o imaginário fundamentalista, a tática dos agentes da esquerda consistia em infiltrar-se nas escolas e seminários, além de dominar os meios de comunicação, com o objetivo de estabelecer um novo regime.

A estratégia anticomunista promovida pelos presbiterianos fundamentalistas baseava-se em uma linguagem carregada de símbolos cristãos, como os termos “Credo de Moscou” e “apóstolos de Moscou”, com o intuito de alertar os evangélicos sobre o “perigo” de uma sublevação comunista. Essa abordagem destacava a representação de um grupo político que ameaçava a liberdade de culto e de pensamento religioso. Dentro desse paradigma, os militantes da esquerda eram vistos como responsáveis pelas crises políticas e sociais, fomentando greves e distúrbios para atrair a classe proletária.

Para o imaginário anticomunista fundamentalista, o maior mal da implantação de um governo de esquerda era a ameaça à preservação da moral cristã na sociedade, colocando os impactos teológicos acima dos econômicos. De acordo com os artigos publicados no jornal *A Defesa*, os erros teológicos do sistema marxista eram considerados a causa dos fracassos das experiências socialistas ao redor do mundo. A partir dessa perspectiva, o poder burocrático do movimento presbiteriano fundamentalista construiu uma rede de medos para manter a obediência de seus membros, apresentando-se como um refúgio para o cristão protestante em um Ocidente “fragilizado” pelas constantes ameaças do comunismo.

Em um dos artigos publicados na edição de dezembro de 1963, às vésperas dos eventos que culminariam no Golpe Civil-Militar de 1964, Moacy Soares, redator do periódico *A Defesa*, chamava a atenção dos leitores para o fato de que o número de pessoas, especialmente os “moços ginasianos ou universitários”, que se declaravam comunistas era ainda reduzido. No entanto, apontava que, naquele momento, a esquerda começava a agir sob o guarda-chuva do termo “socialismo”. Para o articulista, tratava-se de uma estratégia da “doutrina vermelha” para fomentar greves e outras formas de provocar instabilidade no governo brasileiro.

O editorial observava que o desajuste entre as classes sociais, fruto da má organização administrativa dos governantes, era percebido e explorado pelos adeptos do “credo vermelho”, que se valiam da ignorância política das massas para tentar implementar um regime stalinista no país. Segundo o autor, os socialistas se aproveitavam da descrença popular nos governantes e prometiam dias melhores sob uma suposta “democracia perfeita”. No entanto, a proposta era considerada ilusória, já que, segundo o texto, todos os países sob influência do comunismo se encontravam em um estágio de escravidão (A Defesa, 01 dez. 1963, p. 8).

No entanto, o que causava maior decepção ao redator Moacy Soares, além do avanço da agenda comunista, era o fato de que os jovens das mocidades evangélicas estavam se filiando às organizações socialistas. Para o autor, o ato era especialmente grave, pois existia uma incompatibilidade entre os princípios da “ditadura vermelha” e os valores do “cristianismo”. O interesse dos jovens pelo “credo vermelho” poderia ser explicado pela proliferação de literatura sobre a Filosofia Marxista, amplamente disseminada entre a juventude. Nesse sentido, Moacy Soares argumentava que era entre os jovens que os comunistas, incentivados pelos emissários soviéticos, conseguiam se infiltrar facilmente no país (A Defesa, 01 dez. 1963, p. 8).

Diante do cenário de denúncia da infiltração comunista no meio evangélico brasileiro, Moacy Soares sugeriu que, assim como os presbiterianos fundamentalistas, as demais organizações cristãs deveriam adotar uma orientação política e social adequada, à luz do “evangelho”, com o objetivo de “salvar a mocidade da tirania soviética” (A Defesa, 01 dez. 1963, p. 8). Para o autor, era dever dos pastores e líderes religiosos promoverem o “ato de salvação política”, alertando a juventude sobre os riscos de uma transição de uma “democracia verde e amarela, com seus defeitos, para a ditadura vermelha da escravidão” (A Defesa, 01 dez. 1963, p. 8). Do mesmo modo, os pais deveriam assumir a responsabilidade de se informar sobre as “doutrinas marxistas” para fornecer uma orientação segura aos filhos, explicando-lhes o “prejuízo moral, social, político e religioso” que a implantação das ideias comunistas representaria para o Brasil. Para fortalecer a ideia, o jornal *A Defesa* orientava utilizar o exemplo de Cuba, que teria se transformado numa espécie de “câmara dos infernos”, onde os homens se tornaram escravos de um Estado que exigia tudo deles (A Defesa, 01 dez. 1963, p. 8).

“O COMUNISMO E A FÉ CRISTÃ”: CRÍTICAS AO PENSAMENTO MARXISTA

Era comum a transcrição de discursos de combate ao comunismo de líderes fundamentalistas de outros países nas páginas da imprensa da IPFB, especialmente dos Estados Unidos da América. Os textos eram construções narrativas que reforçavam o risco da “penetração” das ideias de esquerda entre os protestantes que, segundo eles, visavam destruir o cristianismo e a autoridade bíblica. Em 1958, foi publicado um alerta de Allan MacRae (1902–1997), estudioso conservador e membro da Igreja Presbiteriana da América, com ênfase nos riscos da adoção de um sistema socialista, com comparações aos “avanços” do sistema capitalista no chamado bloco ocidental. Em duas palavras, destacou que:

COMUNISMO E A FÉ CRISTÃ (CADERNO DE AGOSTO) Pelo Dr. Allan A. McRae, Presidente do Faith Theological Seminary Elkins Park – Philadelphia, 17, Penna, Estados Unidos da América. [...] Os pregadores do Evangelho Social neste país muitas vezes apontaram com grande interesse a experiência na Rússia. Enquanto se dissassociando (sic) ocasionalmente de alguns dos aspectos, estavam constantemente louvando-a como um passo a frente na direção do seu esforço. O governo Soviet tem tido quase trinta anos e cinco anos de domínio absoluto na Rússia e durante este tem sido livre para usar todo instrumento que podia desejar para adiantar seu alvo de introduzir a sociedade socialística universal a que está ideologicamente devotada. Qual o resultado? Hoje o padrão de vida do russo médio está muito mais baixo que o do povo da Europa Ocidental, para não dizer nada daqueles dos Estados Unidos. [...] Na Alemanha, que agora está dividida numa seção devotada ao comunismo russo e noutra de em que as idéias ocidentais são supremas, o padrão de vida de ambas as partes não são simplesmente comparáveis. O povo está constantemente fugindo da zona oriental para ocidental e este movimento não é apenas a tirania à liberdade senão também afetado pelo desejo de desfrutar os benefícios materiais de um sistema tão diferente da utopia socialista (A Defesa, 08 jun, 1958, p. 2).

O documento associava a infiltração comunista nas igrejas protestantes estadunidenses aos discursos teológicos do Evangelho Social. Para o pastor Allan MacRae, os seguidores da ética social, promovida pelo pastor batista Walter Rauschenbusch (1861-1918) nas transições dos séculos XIX para o XX, viam a União Soviética como um modelo de

Estado político e econômico. No entanto, o eclesiástico presbiteriano procurava expor o que ele considerava a verdadeira situação da URSS, em contraste com os ministros evangélicos que lutavam por uma mudança no sistema social. Em sua visão, devido à falta de estímulo à produção e uma má distribuição, o sistema socialista não podia avançar por meio de índices econômicos ou padrões de vida.

Na visão de Allan MacRae, o padrão de vida elevado do “mundo ocidental” seria resultado da liberdade individual, impulsionada por um amplo processo de industrialização. Para o pastor, o sistema capitalista valorizava as habilidades de homens e mulheres para ganhar, produzir e acumular, o que fomentava a competição e expandia a produção. Nesse contexto, o eclesiástico via os Estados Unidos como a nação mais poderosa, atribuindo esse *status* ao fato de sua iniciativa ser a mais livre do mundo.

Na realidade, o que se percebe é que a matéria buscava alertar não apenas os presbiterianos fundamentalistas, mas todos os evangélicos, sobre os riscos de infiltração de propagandistas comunistas nas igrejas brasileiras — algo que, segundo o texto, já estaria ocorrendo nos Estados Unidos por meio da pregação do chamado Evangelho Social.² Nesse primeiro recorte, a imprensa fundamentalista reproduzia um discurso que contrapõe “os princípios de liberdade” do sistema capitalista aos “atrasos econômicos” atribuídos ao socialismo. Por isso, alguns autores concluíram que o movimento protestante fundamentalista, mais do que uma reação aos novos rumos da teologia, constituiu-se como uma corrente de oposição ao pensamento socialista e comunista, com forte ênfase na preservação do sistema capitalista (Camargo, 1989, *apud* Souza, 2013, p. 123).

O Rev. Allan MacRae também expôs a acusação de que os delegados do Conselho Mundial de Igrejas, que representavam as instituições localizadas fora da “Cortina de Ferro”, estavam conscientes de que não podiam fazer qualquer crítica ao “Regime Soviético”. Em suas considerações, sabiam dos riscos de serem presos e da possibilidade de seus familiares serem torturados. Do mesmo modo, os religiosos que atuavam sob a influência do comunismo não eram livres, mas prisioneiros do Kremlin, forçados a proferir apenas o que o Estado Socialista desejava. Nesse cenário, os integrantes do Movimento Protestante Fundamentalista se viam como responsáveis por impedir que delegados e oradores da URSS tivessem espaço para se expressar nas igrejas ao redor do mundo (A Defesa, 30 mai. 1958, p. 6).

Para Allan MacRae, todos os cristãos deveriam comparar as “covardias” do comunismo com as “virtudes” do cristianismo. Nessa perspectiva, enquanto o sistema comunista se restringia ao controle do Estado e das “massas”, a religião cristã dava valor ao indivíduo, com foco na sua salvação. Ao tratar essas duas correntes como religiões, o religioso alertava que uma delas era inspirada por Satanás, o “credo vermelho”, e a outra ensinada pelo “criador do Universo” (A Defesa, 30 mai. 1958, p. 6). Sobre a temática, o jornal *A Defesa* fez o seguinte registro:

COMUNISMO E A FÉ CRISTÃ HISTÓRIA: Mas quem quer que conheça o sistema tirânico do comunismo verifica que os homens que vêm a qualquer conferência como delegados de detrás da Cortina de Ferro vêm com suas famílias detidas lá como reféns. Tais homens estão bem cômicos de se disserem qualquer coisa que não está inteiramente em linha com os desejos dos seus opressores, eles mesmos irão para a prisão na sua volta e suas famílias serão cruelmente torturadas. Êsses homens vêm, não como agentes livres senão como prisioneiros do Kremlin, sob compulsão de dizerem exatamente o é desejado. [...] alguns oradores podem ser deste tipo; outros podem ser homens a quem os comunistas impingiram à Igreja como bispos e líderes, para utilizarem esta oportunidade de falar pelo Comunismo. Dar a êsses homens o estrado do Concílio Mundial para esta propaganda é inconcebível, a menos que algum dos líderes do Concílio Mundial esteja em simpatia com o propósito do Kremlin (A Defesa, 30 mai. 1958, p. 6).

2 O Evangelho Social propunha uma igreja militante voltada para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna, priorizando os ensinamentos morais de Jesus. O movimento ganhou força no início do século XX, impulsionado por uma liderança protestante engajada na responsabilidade da igreja. Surgiu no contexto do protestantismo norte-americano, como resposta às crises nas grandes cidades dos EUA e foi influenciado tanto pela teologia liberal do século XIX quanto pelo legado do Socialismo Cristão, representado por autores como Frederick Denison Maurice (1805–1872) e Thomas Chalmers (1780–1847). Rubem Alves o descreve como fruto do espírito modernista, por valorizar o imperativo moral em detrimento das doutrinas tradicionais (Alves, 1982, p. 267).

Com esses termos, Allan McRae construía a narrativa de que os líderes religiosos da Igreja Ortodoxa Russa eram fantoches dos interesses do partido comunista, por medo de sofrerem algum tipo de violência por parte dos agentes do regime. Sob essa perspectiva, o Conselho Mundial de Igrejas perde a sua importância como unificador das principais denominações protestantes do mundo e passa a ser representado como uma linha auxiliar dos interesses comunistas. Após denunciar a União Soviética como um regime ditatorial, marcado pela violência, o eclesiástico traça a seguinte comparação com os valores cristãos:

O que mais contemplamos o comunismo o mais que agradecemos a Deus pela Fé Cristã Histórica. Contrastai as covardias do comunismo com as bondades do Cristianismo. Contrastai o interesse do comunismo somente no estado e na massa com o amor de Cristo pelo indivíduo. Contrastai a atitude do comunismo, pronto a inumanamente afogar milhões de almas em sangue e miséria por amor dos seus propósitos ideológicos, com o bondoso cuidado pastoral do verdadeiro cristianismo. O contraste, seguramente, é real entre duas religiões, **uma delas inspirada por Satanás** [grifo nosso], e a outra ensinada pelo Criador do Universo (A Defesa, 30 mai. 1958, p. 6).

Dessa forma, a imprensa fundamentalista chama a atenção do leitor para o discurso de que a fé cristã representava a verdadeira esperança e a melhor resposta para as classes oprimidas, oferecendo a promessa de liberdade contra a “eterna escravidão do comunismo” (A Defesa, 30 mai. 1958, p. 6). Os artigos buscavam desqualificar a esquerda em um “mundo dividido” durante a Guerra Fria, caracterizado pelas disputas estratégicas e conflitos entre os Estados Unidos e a União Soviética. Para Allan MacRae, após 35 anos de domínio comunista na Rússia, o resultado era um padrão de vida inferior ao dos países ocidentais.

Em outro artigo publicado em outubro de 1958, o jornal *A Defesa* destacou que o comunismo, conforme exposto por Karl Marx, Friedrich Engels, Lênin e Josef Stalin, defendia o ateísmo por meio de uma revolução violenta e buscava instaurar uma ditadura baseada na “força” e sem regulamentação legal. O texto argumentava que o avanço do comunismo nos países ocidentais resultaria na diminuição da liberdade, na subordinação das massas e em expurgos em larga escala. O texto enfatiza que:

COMUNISMO E A FÉ CRISTÃ HISTÓRIA (2º CADERNO) O Comunismo conduz necessariamente à crueldade e brutalidade. O socialismo não só rebaixa inevitavelmente os padrões de vida em vez de erquê-los; um sistema comunístico por sua própria natureza traz grande dano ao mais do seu povo. Ninguém pode saber muito do que aconteceu na Rússia em recentes anos, sem ver a tirania, a brutalidade e a crueldade que estão lá. Sob o sistema Soviet, qualquer um que dissenta no mais leve grau cêdo se acha sujeito a brutal tortura e prisão. O tempo deixa de descrever as brutalidades e injustiças que são tão comuns sob a cruel tirania do regime Soviet. (A Defesa, 19 out. 1958, p. 6).

Os leitores do periódico foram alertados para o fato de que a brutalidade era um componente inerente ao processo de dominação comunista sobre o poder político. O regime soviético foi descrito como o sistema político mais “nocivo” para a liberdade individual, destacando-se, em várias passagens, a “perseguição” aos opositores do governo. Ao analisarmos a documentação, podemos destacar que tinha como principal objetivo alertar os leitores sobre as “ameaças” que os evangélicos brasileiros enfrentariam em um cenário sob a égide do “ímpio Estado Comunista”.

Para o pastor da Igreja Presbiteriana da América (EUA), embora o filósofo alemão Karl Marx (1818-1883) tenha sido o responsável por criar os fundamentos da ideologia comunista, o verdadeiro centro do movimento repousava na figura de Vladimir Ilyich Ulianov (1870-1924), mais conhecido pelo pseudônimo de Lênin. Segundo o pastor, com sua mente brilhante, Lênin teria desenvolvido um sofisticado sistema de controle, que incluía espionagem, lavagem cerebral e engenhosos métodos de tortura. (A Defesa, 19 out. 1958, p. 3).

Cabe destacar que a matéria foi publicada em 1958, em uma atmosfera política de maior participação popular e crescimento de diversas formas de organizações políticas e sociais. Lucilia Delgado nos lembra que, no final dos anos 1950 e início da década de 1960, observou-se uma “polarização nítida dos grupos sociais e políticos que entraram em conflito entre si” (Lucilia, 2019, p. 98). De um lado, situavam-se os reformistas e nacionalistas, do outro se destacavam setores que defendiam o projeto de maior internacionalização da economia brasileira e maior aproximação com os Estados Unidos.

Além das comparações políticas e econômicas, Allan MacRae reforçou a associação entre o comunismo e a perda da liberdade, pontuando que:

A evidência é clara e ao alcance de qualquer um que busca-la. Jamais na história do mundo, incluindo as piores tiranias que o mundo já viu, houve um sistema mais brutal de constante interferência na liberdade e vida do homem comum. É uma brutalidade que entra em todo pequeno pormenor da vida, e insiste, não meramente que o povo não deve se opor ativamente ao regime senão que cada parte do seu pensar deve estar preso firmemente em linha com os desejos dos mestres do Kremlin (A Defesa, 19 out. 1958, p. 6).

Os leitores do periódico foram alertados para a evidência de que a brutalidade era um processo inerente à expansão do comunismo. De acordo com essa perspectiva, sem o “controle compulsório” e “tirânico”, rapidamente haveria a desordem devido à insatisfação daqueles que desejariam mais do que lhes foi repartido. Nesse contexto, quase todos permaneceriam descontentes com a distribuição do Estado, exceto alguns burocratas que também correriam o risco de desaparecer diante de um levante dos cidadãos insatisfeitos.

O jornal enfatiza que apenas uma pessoa determinada a não crer poderia duvidar das intenções dos líderes soviéticos de controlar o mundo, utilizando perseguições brutais contra seus opositores. Sendo assim, para os editores d’*A Defesa*, os soviéticos “farão qualquer sorte de compromisso ou trato para atingirem seu objetivo”. No texto de Allan A. McRae, os cristãos que se recusavam a ouvir a propaganda comunista eram presos, torturados ou exilados para a Sibéria, onde eram forçados a trabalhar nas minas de urânio, com grande risco para suas vidas (A Defesa, 19 out. 1958, p. 6).

Essa articulação de argumentos tinha o objetivo de alertar o leitor de que, em um cenário de ascensão dos movimentos de esquerda no Brasil, os cristãos seriam alvos do novo modelo de Estado. Através de um *modus operandi* de prisões ilegais, torturas e expurgos, esse processo se assemelharia ao que ocorria no “inferno vermelho” da URSS.

A CONSTRUÇÃO DO INIMIGO EXTERNO NO DISCURSO FUNDAMENTALISTA

As denúncias contra a Igreja Ortodoxa Russa e a presença de russos no Brasil tornaram-se frequentes entre as lideranças fundamentalistas durante o agravamento da Guerra Fria. No que diz respeito à “ameaça” ao protestantismo global, os presbiterianos fundamentalistas elaboraram uma denúncia por meio de seu jornal, apontando a existência de uma organização soviética no Brasil.

Segundo a acusação, a organização chamada *Pé de Carneiro* utilizava métodos de espionagem e contrabando. De acordo com os presbiterianos, havia indícios de que a organização se instalou no Rio de Janeiro por meio do Conselho Mundial de Igrejas, que supostamente facilitava a chegada de muitos russos ao Brasil. Segundo o jornal *A Defesa*, os agentes vinculados ao grupo estariam no país com a missão para semear o terror e atrair fugitivos comunistas ao país. O jornal da IPFB justificava tais acusações afirmando que:

Segundo reportagem publicada na revista “Maquis”, nº 41, da segunda quinzena de janeiro último, se denuncia a existência, no Brasil, embora em estado embrionário, da organização soviética terrorista, de espionagem e contrabando, conhecida por “PÉ DE CARNEIRO”. Estabelecendo a princípio seu quartel na Mandchuria (sic), por lá começou as suas atividades perseguindo os anti-comunistas refugiados, traficando com entorpecentes, contrabandeando

e dedicando-se aos raptos. Batidos pela polícia de Shangai sumiram-se seus componentes, entretanto, segundo a reportagem aludida, certos acontecimentos evidenciam estar o “PÉ DE CARNEIRO” se instalando no Rio de Janeiro. [...] O mais curioso, porém, é que tão sinistra organização está contando com o bafejo do Conselho Mundial de Igrejas, instituição do Bispo Metodista Oxnam e que prega a união de todas as Igrejas, inclusive da protestante. [...] É com êsse Conselho Mundial de Igrejas, que “facilito a viagem de grande número de russos bastantes suspeitos, vindos de Shangai”, que a Igreja Presbiteriana do Brasil mantém certo namoro [...], facilitando a vinda ao nosso território de elementos suspeitos e ligados ao “PÉ DE CARNEIRO”, **para provocar o terror entre nós e supliciar os fugitivos de além-mar que procurem guarida em nossas plagas**. Essa é a miséria a que já estamos chegando. Que fiquem alertas os evangélicos do Brasil, especialmente os Presbiterianos, pois sem que eles saibam ou sintam, tal a cortina de fumaça lançada aos seus olhos, a igreja de tão gloriosas tradições vai caminhando para um abismo e êsse bem profundo (A Defesa, 11 mai. 1958, p. 3 [grifo nosso]).

A denúncia indica que os presbiterianos fundamentalistas, em diversas ocasiões, associaram o Conselho Mundial de Igrejas a um braço direito do comunismo soviético. Chegou-se a afirmar que a conclusão de um processo revolucionário no Brasil, impulsionado pela expansão da URSS, dependeria de um momento oportuno, com o apoio do referido conselho. É interessante observar que, ao comparar essa acusação com outras feitas pelos fundamentalistas, destacava-se a ausência de fundamentos e provas para sustentá-las.

Nota-se que a rede de acusações tinha como propósito a manutenção de um estado de vigilância entre os grupos evangélicos no Brasil, por meio da criação de um clima de medo em relação a uma possível infiltração comunista, associada à presença de russos no Brasil. Os meios de comunicação utilizados pelos fundamentalistas desempenhavam o papel de manter os “crentes” em constante alerta, pois o “inimigo” parecia estar presente em todos os ângulos.

É relevante salientar que os fundamentalistas, enquanto movimento internacional articulado em torno do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs (CIIC), assumiram a retórica de que os organismos internacionais, incluindo a Organização das Nações Unidas, juntamente com o CMI, estariam nas mãos do comunismo internacional, exercendo influência nos governos de todos os países, com facilidade para se infiltrar em todas as instituições, fossem elas políticas, sociais, culturais, educacionais e até mesmo religiosas. Como justificativa, levantava-se a acusação do predomínio do pensamento marxista nas universidades, nos meios de comunicação e nas expressões culturais ocidentais.

Sobre o estado de vigilância adotado por protestantes de tendência conservadora e fundamentalista, Leonildo Campos argumentava que esses grupos, no Brasil, desenvolveram uma mentalidade e práticas autoritárias disfarçadas de defesa do processo democrático e liberal. Nesse contexto, as ações de vigilância e expurgo contra protestantes considerados subversivos foram incentivadas por líderes religiosos, fundamentando-se na defesa de uma concepção de liberdade política e religiosa vinculada ao sistema capitalista (Campos, 2014, p. 180).

Ainda sobre a denúncia *Pé de Carneiro*, é relevante refletirmos sobre a formação dessa rede de acusações como uma tática para deslegitimar outras organizações protestantes, como o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) e a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), que resistiam à influência fundamentalista. Em julho de 1962, o reverendo Eduardo Rocha afirmava que o cristianismo nunca esteve tão ameaçado diante do avanço da União Soviética durante a Guerra Fria. O autor justificava alegando que muitos cristãos estavam admirados, chegando até a disseminar as doutrinas dos “apóstolos do comunismo”. Segundo a documentação:

O cristianismo puro, sem as chamas das fogueiras inquisitórias e a mordida das ultramontanas bulas papalinas e do SYLABUS, respeita a tal ponto a liberdade de pensamento do homem que suporta até os que lhes negam a origem divina, os princípios fundamentais de seu credo e o acoimam de imoral e superado. O Comunismo, porém, nega a liberdade de pensamento, uma vez que não pode deixar sem duro castigo todo aquele que se atreve a investir contra os seus chefes e doutrinas. Logo após a revolução de 1917 era desejo

dos comunistas extinguir tôda a idéia de família e de religião. Daí ter sido criada contra essa Sociedade dos Sem Deus e contra aquela o incentivo do amor livre. [...] Uma jovem revolucionária tomou um transporte coletivo em Moscou, tendo como vestimenta apenas uma faixa negra ao redor dos seios, na qual estava em letras vermelhas a seguinte inscrição: “Ouloi Stiol!” (abaixo a vergonha) (A Defesa, 04 jul. 1962, p. 8).

Eduardo Rocha faz referência a documentos católicos para acusar os marxistas de utilizarem a Carta Encíclica *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII (1810-1903), que visava combater a ganância do capitalismo, como um apoio ao “credo de Moscou”. Para o autor, os marxistas usavam a encíclica para argumentar que a “Igreja Primitiva” era comunista, já que as coisas eram distribuídas em comum.

Para o articulista do jornal *A Defesa*, o “cristianismo puro”, que estaria distante das “fogueiras inquisitoriais” e do catolicismo romano, valorizava a liberdade de pensamento, com respeito àqueles que negavam a origem divina. Em contrapartida, o comunismo negava a liberdade, impondo severas penalidades aos opositores do regime. A partir da Revolução Russa de 1917, o objetivo dos comunistas era extinguir a concepção de família cristã, com uma sociedade sem Deus e do sexo livre. Como exemplo dessa transformação, o autor narra um suposto episódio envolvendo uma “jovem revolucionária”, em Moscou, que, ao tomar um transporte coletivo, usava apenas uma faixa negra ao redor dos seios, com a inscrição em letras vermelhas: *Ouloi Stiol!* (“Abaixo a vergonha”) (A Defesa, 04 jul. 1962, p. 8).

Eduardo Rocha lembra que o sistema comunista combate a propriedade privada, princípio que é contrário ao mandamento bíblico de não cobiçar a mulher, a casa, o campo ou jumento do próximo, conforme narrado no livro de *Deuteronômio*. Além disso, os comunistas são acusados de desconsiderarem as questões da fé, limitando o bem do indivíduo e da sociedade “às coisas temporais”. Desse modo, a sociedade comunista foi representada, para os leitores do jornal *A Defesa*, como “estômago exigindo diariamente o pão; o fígado derramando bilis e provocando cólera e violência contra os seus adversários até gozarem do sabor da vitória sobre êsses; o sexo que, sem os freios dos ideais de família...” (A Defesa, 04 jul. 1962, p. 8).

Na edição de dezembro de 1963, a imprensa fundamentalista expressou grande preocupação com o processo de “evidente” infiltração comunista nas últimas eleições municipais e estaduais dos estados da Paraíba e de Pernambuco. Segundo o editorial, a propaganda das eleições foi conduzida pela terminologia vermelha, com chavões organizados nos gabinetes dos “líderes esquerdistas” e disseminados pelo povo. Para os partidários do Rev. Israel Gueiros, isso representava uma afronta aos princípios democráticos, uma vez que muitos candidatos foram apresentados como “candidatos dos comunistas” ou como legítimos representantes do Partido Comunista. Sob essa ótica, os comunistas eram acusados de iludir a boa-fé dos menos esclarecidos, explorando temas que tocavam a sensibilidade popular, como o salário-mínimo, a Reforma de Base e a Reforma Agrária, mas sempre “à moda do figurino vermelho”. O editorial alertava que esses temas, embora populares, eram usados de forma estratégica para enganar a população e avançar a agenda comunista no Brasil (A Defesa, 01 dez. 1963, p. 3).

O editorial responsabilizava os partidos políticos infiltrados pelos comunistas por eventuais aborrecimentos e pelas futuras crises que seriam difíceis de controlar, considerando a superioridade dos “estranguladores da democracia”. Para reforçar o “perigo” da iminência de um Estado socialista no Brasil, os presbiterianos fundamentalistas citavam exemplos de regimes na União Soviética e em Cuba, com o objetivo de convencer o leitor da gravidade da situação.

Em dezembro de 1964, uma nota divulgada na imprensa fundamentalista questionava a alegação de que haveria liberdade de culto no regime de Fidel Castro. Segundo a edição, em Cuba, os leigos estavam proibidos de pregar e apenas membros registrados nas igrejas poderiam ter acesso à Bíblia. Além disso, os pastores precisavam de um cadastro especial para realizar cultos e jovens com menos de 18 anos não poderiam ser membros de qualquer igreja (A Defesa, 24 dez. 1964, p. 7-8). De acordo com a nota:

Os simpatizantes de Fidel Castro dizem que, no regime cubano, há liberdade de culto. Sabe-se entretanto que tal fato não é verdadeiro. Como exemplo basta citar o seguinte: b) os leigos não podem pregar nas igrejas; b) sòmente aos membros atualmente existentes nas igrejas é

permitido o uso da Bíblia (sic); os pastôres precisam obter registro especial para a realização dos cultos e estes apenas nas igrejas; d) jovens com menos de 18 anos não podem ser membros de qualquer Igreja; e) a visita de pastôres só é permitida aos membros de sua igreja; f) os doentes hospitalizados não podem receber visitas de pastôres. As restrições acima e outras impostas pelo governo de Cuba dizem muito bem o que é o “paraíso” Castrista e serve como advertência aos que ainda permanecem iludidos com o seu totalitarismo (A Defesa, 24 dez. 1964, p. 7-8)

O documento conclui afirmando que as restrições impostas pelo governo cubano serviam como um alerta para os evangélicos que ainda estivessem “iludidos com o totalitarismo comunista”. O texto buscava reforçar a ideia de que o país limitava severamente as liberdades religiosas, alertando para os perigos de um sistema comunista que comprometia a prática do cristianismo. Com as informações, o autor da nota busca alertar o leitor evangélico, especialmente o fundamentalista, para o risco de uma ameaça à liberdade religiosa em caso da efetivação da revolução nos moldes cubanos.³

Apesar de muitas organizações comunistas passarem por um processo de enfraquecimento após a instalação do regime ditatorial, em razão de uma ampla rede de perseguições contra partidos e movimentos de esquerda, os dirigentes presbiterianos fundamentalistas mantiveram a propagação dos discursos anticomunista. A atuação do jornal *A Defesa* e os evangélicos fundamentalistas foram importantes para a consolidação da ditadura no Brasil.

Em 1981, o Rev. Porfírio Gueiros alertava os leitores da imprensa fundamentalista sobre a necessidade de continuar em estado de atenção, apesar da presença reduzida de agentes comunistas. Para o eclesiástico, mesmo com o enfraquecimento do movimento, os evangélicos deveriam estar vigilantes, pois esses agentes poderiam orientar os propósitos das igrejas, como “um pequeno leme orienta a rota de um gigantesco navio que singra os mares” (A Defesa, abr. 1981, p. 3). Mesmo com o Golpe Civil-Militar de 1964, o reverendo advertia que nenhum cristão deveria retroceder contra o “perigo vermelho”, que agia camufladamente por trás de lemas como “paz, democracia, liberdade e justiça”. Como ferramenta argumentativa, mencionou a República Democrática Alemã (Alemanha Oriental), que estava sob a influência soviética, mas que, por trás do termo “democracia”, estavam o comunismo e a ditadura.

Para outros fundamentalistas, a proposta comunista também deveria ser rejeitada por ser considerada uma solução estrangeira e incompatível com os valores cristãos. Na edição de maio de 1983, uma breve nota publicada no jornal *A Defesa* trouxe uma curiosa comparação entre a vida religiosa em Lajedo, pequena cidade do interior de Pernambuco, e Moscou, capital da então União Soviética. De acordo com a nota, Lajedo possuía mais igrejas católicas e protestantes do que Moscou, onde existiriam apenas três igrejas protestantes. Para os fundamentalistas, esse contraste era reflexo direto da política de promoção do ateísmo por parte da URSS, que, segundo a publicação, resultava em uma população composta por 70% de ateus (A Defesa, abr. 1981, p. 7).

Embora se reconheça a imprecisão dos dados apresentados, entende-se que o principal propósito do informativo era exemplificar para os leitores evangélicos os riscos de uma ausência de liberdade religiosa, associada ao avanço do comunismo. Sendo assim, Moscou e Havana foram representadas como locais de restrições aos cultos protestantes, servindo como exemplos dos males impostos pelo “credo vermelho” (A Defesa, mai. 1983, p. 2).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da documentação produzida pela imprensa presbiteriana fundamentalista, compreende-se como essa ferramenta midiática foi empregada pela liderança institucional para criar uma atmosfera que incentivou a membresia a adotar uma postura de vigilância diante do avanço do socialismo soviético. Para os redatores e articulistas do periódico *A Defesa*, o perigo representado pelo comunismo estava associado ao fim da liberdade religiosa de cristãos — católicos e protestantes — frequentarem missas e cultos.

³ Deve-se destacar que, em 1961, o Brasil era governado pelo presidente, que se elegeu com a promessa de combater a corrupção e “varrer” a sujeira da administração pública, com adoção de uma abordagem simbólica ao utilizar uma vassoura, como uma representação de sua intenção de erradicar a corrupção instalada nos poderes políticos do país (Queler, 2019, p. 304). O presidente também defendia uma política externa de maior autonomia, especialmente diante das tensões geopolíticas entre os Estados Unidos e a União Soviética. Como parte dessa postura, em 19 de agosto, concedeu a Ordem do Cruzeiro do Sul a Che Guevara (1928-1967) que, naquele ano, assumia o Ministério da Economia do governo cubano (Ferreira, 2006, p. 72).

Com o intuito de reforçar sua posição ideológica, os membros da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil recorriam à tradução de sermões de pastores estadunidenses que estabeleciam contrastes entre os sistemas capitalista e comunista. O primeiro era retratado como um modelo que, apesar das falhas na distribuição de renda, garantia liberdades políticas, econômicas e religiosas. O segundo era apresentado como uma tirania, capaz de suprimir os direitos universais dos indivíduos. Para sustentar as duas representações, eram citados exemplos dos Estados Unidos da América, como modelo de nação, em contraponto à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e a Cuba, apresentados como países onde a declaração de fé poderia resultar na perseguição e na morte do indivíduo.

Dentro da rede discursiva anticomunista veiculada pelo periódico *A Defesa*, a possibilidade de uma sublevação comunista era apresentada como uma ameaça à fé cristã, tanto aos católicos como protestantes, e como um perigo para a ordem social e econômica. O jornal associava o risco religioso à perseguição de fiéis, à prisão de pastores e ao fechamento de igrejas, complementando a narrativa com o aumento dos índices de empobrecimento da população. Essa hierarquização reforçava a percepção de que o comunismo não representava apenas um risco político ou econômico, mas sobretudo uma ameaça direta às instituições religiosas, justificando a vigilância constante e o engajamento ativo dos fiéis na preservação dos valores defendidos pelo movimento fundamentalista.

No que diz respeito ao discurso sobre o “perigo comunista”, declarado e amplamente aceito pelos dirigentes fundamentalistas, compreendemos que a construção do “inimigo” foi redirecionada para justificar a implantação e consolidação do movimento no presbiterianismo brasileiro. Nesse cenário, a corrente denominacional passou a se posicionar como um “baluarte dos fundamentos cristãos”, em contraste com outras vertentes do meio evangélico, diante de um Ocidente “ameaçado” pelo avanço do socialismo soviético (Moura; Santos, 2024). Nesse sentido, a ideia anticomunista foi ressignificada e ampliada no imaginário do movimento fundamentalista presbiteriano, sendo incorporada aos discursos e concepções teológicas como mecanismo de denúncia e vigilância diante do suposto “perigo vermelho”.

FONTES

- As belezas do modernismo. *A Defesa*, Recife, 31 mar. 1960, p. 1-5.
- Com a palavra o Presidente da ALADIC Rev. Porfírio Gueiros. *A Defesa*, Recife, abr. 1981.
- Fundamentalista Universal: Cristianismo versus Comunismo. *A Defesa*, Recife, 04 jul. 1962.
- Visitará o extremo Oriente o Dr. Israel F. Gueiros. *A Defesa*, 31 mar. 1960.
- Capa. *A Defesa*, Recife, 20 jan. 1957.
- Eis a que estamos chegando! *A Defesa*, Recife, 11 maio 1958.
- Comunismo e fé cristã histórica. *A Defesa*, Recife, 30 mai. 1958.
- Comunismo e a fé cristã. *A Defesa*, Recife, 08 jun. 1958.
- Comunismo e fé cristã histórica. *A Defesa*, Recife, 19 out. 1958.
- Nem tudo está perdido. *A Defesa*, Recife, 01 dez. 1963.
- De volta às raízes. *A Defesa*, Recife, abr. 1981.
- A religião em Moscou. *A Defesa*, Recife, mai. 1983.
- Pequenas notas (sobre o anticomunismo). *A Defesa*, Recife, 24 dez. 1964.
- O comunismo agita a bandeira do nacionalismo. *A Defesa*, Recife, 11 mai. 1958.
- Infiltração comunista nas eleições. *A Defesa*, Recife, 01 dez. 1963.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1982.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas volume 1: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.
- CAMARGO, César da Silva. *A força político-sacralizadora do fundamentalismo: EUA (1880-1930)*. 1989. Dissertação - Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo (SP), 1989.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

- DELAGADO, Lucilia de Almeida Neves. Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Vol. 03. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- FERREIRA, Jorge. *A democracia no Brasil (1945-1964)*. São Paulo: Atual, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1979.
- GINZBURG, Carlo. *Relações de força: histórica, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. Travessias e desafios. In: LAVERDI, Robson *et al.* (org.). *História Oral: desigualdades e diferenças*. Recife: UFPE; Florianópolis: UFSC, 2012.
- MOURA, Carlos André Silva de; SANTOS, Saymmon Ferreira dos. “Congresso evangélico dominado por vermelhos”: a Conferência do Nordeste pelas lentes do Movimento Presbiteriano Fundamentalista (1962). *História: Questões & Debates*, Curitiba, 72, n. 1, p. 154-179, jan.-jun., 2024. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/92471>. Acesso em: 20 abr. 2025.
- PORFÍRIO, Pablo Francisco de Andrade. *Medo, comunismo e revolução: Pernambuco (1959-1964)*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.
- QUELER, Jefferson José. O governo Jânio Quadros: entre a política e o personalismo. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). *O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- RODEGHERO, Carla Simone. *O Diabo é vermelho: Imaginário Anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- SOUZA, Silas Luiz. *O Respeito à Lei e à Ordem: Presbiterianos e o Governo Militar no Brasil (1964 - 1985)*. Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis (SP), 2013.
- VIEIRA, David Gueiros. *Trajetória de uma família: A história da família Gueiros*. Recife: Livro Rápido, 2008.